

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA: NA TRILHA DA “RAZÃO ATLÂNTICA”

Anna Maria Moog Rodrigues

Instituto de Filosofia Luso-Brasileira

Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, 11, 1150-320 Lisboa

(351) 213241470 | ifbgeral@gmail.com

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre a “razão atlântica” no pensamento de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: razão, razão atlântica, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will talk about the "Atlantic reason" in the thought of António Braz Teixeira.

Keywords: reason, Atlantic reason, António Braz Teixeira

Notável pela vasta erudição, o reconhecido historiador das idéias jurídicas e filosóficas portuguesas, Antonio Braz Teixeira, é hoje sobretudo o grande estimulador da pesquisa na área do pensamento luso-brasileiro. Concentra-se sobretudo na busca de uma "Razão Atlântica".

Desde o início de sua carreira, o filósofo assumiu para si a tarefa de fazer o levantamento e a análise crítica das obras da filosofia portuguesa, privilegiando as da Filosofia da Saudade assim como as da Filosofia Jurídica.

Leitor voraz, conhece a fundo a maioria dos escritores não só portugueses mas também brasileiros, galegos e espanhóis. Não se deixa empolgar pelos lançamentos dos 'best-sellers' apregoados pelas editoras internacionais mas permanece atento ao que de valor surge nas montas das livrarias de Portugal e do Brasil. Seu interesse de pesquisador é pela idéias, privilegiadamente as idéias filosóficas.

Considera ele que o discurso filosófico é um discurso racional, um encadeamento de juízos que se exprimem por proposições e que estas ligam conceitos expressos por palavras. Tal compreensão o leva à afirmar que sejam "*consideravelmente distintas as virtualidades ou as capacidades especulativas de que são dotadas as diversas línguas*"¹. Conseqüentemente, haverão de ser distintas as filosofias que se exprimam por palavras de línguas diferentes.

O analista propõe que a filosofia expressa na língua portuguesa há de ter características que lhe são próprias, independentemente do fato de que a filosofia por si mesma busque sempre o patamar da universalidade. Neste sentido, Braz Teixeira concorda com o saudoso amigo Antonio Quadros na afirmação de que pensar significa mergulhar nas raízes próprias da língua, da história, da cultura e de que

*a língua portuguesa possui características singulares e invulgares, que não só a distinguem das demais línguas indo-européias e românicas, como fazem dela um poderoso meio de pensamento e de arte.*²

No entanto, independentemente da língua ser a mesma, ainda assim o historiador reconhece que a diferença existente entre os diferentes filósofos e as diferentes filosofias radique inicialmente no diverso conceito de razão de que parte cada um ou em que fundamenta cada um o próprio pensamento. Neste sentido ele se tem

¹ Teixeira, António Braz, *Formas e Percursos da Razão Atlântica: Estudos de Filosofia Luso- Brasileira*, Londrina, Editora UEL, 2001, p. 6.

² Quadros, António, *O Espírito da Cultura Portuguesa, Ensaios*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1967, p. 42.

empenhado em aprofundar suas análises do pensamento dos filósofos portugueses e brasileiros para colher aí, nesses pensamentos, o que possa ser aproximado.

Este empenho é realizado a despeito do reconhecimento de que o conceito de razão partilhado pela maioria dos cultores da corrente conhecida com a denominação de Filosofia Portuguesa - com a qual o filósofo se identifica - não é o conceito de todos os filósofos portugueses nem tampouco é conceito de razão de muitos dos filósofos brasileiros.

O conceito de razão defendido pelos filósofos da corrente da Filosofia Portuguesa, também conhecida como Escola do Porto, consiste no reconhecimento de que a razão não se basta a si mesma mas, ao contrário, pressupõe uma dupla crença. Nas palavras do próprio filósofo, lê-se que a razão não se garante a si mesma como órgão do conhecimento ou do pensamento, dado que a sua atividade pressupõe sempre

...um duplo acto prévio de crença: a crença na racionalidade ou na unidade do real, unidade que subjaz ou se manifesta na multiplicidade dos seres ou dos entes e dos fenômenos e a crença na capacidade da razão para se apreender a si mesma e para compreender a realidade, o que implica admitir, acreditar ou postular que há uma qualquer correspondência, ainda que mínima ou apenas parcial e limitada, entre a razão humana e a íntima mas manifestada racionalidade do real.³

Considerando que a razão não se basta a si mesma, a consequência é a de que na origem e no desenvolvimento de toda a atividade filosófica haja uma relação entre a razão e o irracional, irracional que não se opõe à razão, que não é contraditório à ela, mas antes significa uma abertura da razão ao que a transcende. Este conceito de razão abrange todo o tipo de experiência, não só a puramente lógica e objetiva mas também a experiência estética, a experiência religiosa e a experiência sentimental e saudosa, uma razão que, tal como já havia explicado o rei D. Duarte no século XIV, abrange "as razões do coração".

A Filosofia da Saudade, por exemplo, fundada pelo rei-filósofo D. Duarte inicia-se pelo reconhecimento destas "razões do coração". E a partir daí se desenvolve em Portugal e na Galiza, onde vem sendo objeto de estudos do próprio Braz Teixeira e do seu saudoso amigo, o filósofo Afonso Botelho com quem organizou e publicou uma coletânea de textos sobre o tema.

Entretanto, causa perplexidade ao historiador da filosofia luso-brasileira o fato de que, abordado freqüentemente na literatura e na poesia brasileiras, este tema, o tema da

³ Braz Teixeira, António, *Formas e Percursos da Razão Atlântica*, obra cit., p. 5.

Saudade, não tenha tido no Brasil um aprofundamento filosófico. O pesquisador reconhece tal reflexão filosófica apenas na meditação de Miguel Reale. Mesmo assim, Braz Teixeira lamenta que Reale não tenha conseguido entender o papel que na saudade desempenha a esperança, "*aquele sentido unitivo ou religativo que a torna próxima da experiência religiosa*".⁴

Isto porque Reale limita a razão, afirmando o caráter apenas conjectural da metafísica, negando portanto a possibilidade da razão poder fazer afirmações categóricas de cunho metafísico.

O cerne da crítica de Braz Teixeira ao pensamento de Miguel Reale neste ponto revela uma das suas divergências com relação ao conceito de razão postulado por quem parte de uma perspectiva transcendental e não transcendente da razão. Pela perspectiva transcendental as questões metafísicas não são passíveis de serem solucionadas pela razão. Nela, portanto, será vedada à razão qualquer possibilidade de demonstração quer da existência de Deus, quer a imortalidade da alma ou a liberdade, conforme foi argumentado por Kant na Dialética da *Crítica da Razão Pura*.

Não obstante, Braz Teixeira questiona esta perspectiva e pondera que na cultura luso-brasileira não teria havido uma grande influência de Kant. Da mesma forma ele questiona ter havido um momento de verdadeiro 'Iluminismo' nessa cultura.

A questão é colocada por ele no terceiro capítulo do livro *Experiência Reflexiva, Estudos Sobre o Pensamento Luso-Brasileiro*. O capítulo tem por título uma pergunta: *Iluminismo Luso-Brasileiro?* Aí Braz Teixeira afirma que o Iluminismo, tal como definido por Kant, consistiu na libertação da situação de menoridade da razão sobretudo face aos assuntos da religião. Sendo assim, teria sido um fenômeno tipicamente protestante e sua gênese remontaria à reforma luterana. Como tal não teria tido penetração na cultura portuguesa. Em outras palavras, nos países de cultura católica a influência do pensamento de Kant, da crítica kantiana, não teriam tido grande aceitação. Portanto, segundo ele, a modernidade não teria sido marcada pelo pensamento kantiano quer em Portugal, quer na Espanha ou na Itália, quer nos países da América que ficaram sob a influência do catolicismo. A modernidade teria entrado em Portugal através de outros caminhos.

A este propósito, isto é, a propósito do momento do início da modernidade, António Braz Teixeira questiona a importância atribuída por alguns historiadores ao momento

⁴ Braz Teixeira, António, *Formas e Percursos da Razão Atlântica: Estudos de Filosofia Luso-Brasileira*, Londrina, Editora da Universidade Estadual de Londrina, Editora UEL, 2001, p. 251.

pombalino na história do pensamento luso-brasileiro. Para estes historiadores, a reação anti-escolástica que marcou o momento pombalino na história de Portugal, teria sido o momento da introdução do pensamento moderno na cultura luso-brasileira. Ao negar a importância do momento pombalino, Braz Teixeira nega o que seria um Iluminismo Luso-Brasileiro.

A tese do filósofo e historiador das idéias é de que

....no desenvolvimento da reflexão filosófica em Portugal e no Brasil no século XVIII, da única perspectiva para o efeito adequada, ou seja, a filosófica, seremos levados a concluir que o momento verdadeiramente decisivo e inovador, aquele em que se abrem novos caminhos ao pensamento e se desenharam novas perspectivas culturais é o que correspondente à primeira metade da centúria.⁵

Isto é, o período em que se desenharam verdadeiramente novas perspectivas culturais em Portugal teria sido o período do século XVIII pré-pombalino e este seria melhor caracterizado como o de um *ecletismo* e não de um *iluminismo* propriamente dito. Daí ele questionar inclusive a interpretação de Hernani Cidade e de Cabral de Moncada, interpretação, a seu ver, "*ainda largamente dominante*" que atribui decisiva importância ao período pombalino na evolução do pensamento português (Idem, p. 50).

O *ecletismo* a que Braz Teixeira se refere e que, segundo ele, melhor caracterizaria o período, teria alguns traços próprios do Iluminismo, como a abertura à nova ciência experimental, o intuito pedagógico e o interesse pela história, coexistindo e conservando os aspectos essenciais da tradição filosófica anterior, isto é, a identificação da metafísica com a ontologia, ainda que não mais uma ontologia substancialista, assim como a conservação da metafísica teísta e a fidelidade à crença cristã e aos seus corolários.

Em outras palavras, a tese de Braz Teixeira é que nos países de tradição católica teria prevalecido a idéia de que

pela sua fragilidade, fruto da queda e do pecado, a falível razão humana carece do socorro das verdades reveladas, havendo perfeita harmonia entre razão e fé, já que nunca esta contraria aquela, antes a completa e garante (Idem, p. 44).

Em consonância com esta tese, Braz Teixeira formula esquemas através dos quais ele analisa e demonstra mais claramente as afinidades entre o pensamento dos mais diversos autores portugueses e brasileiros. Tais esquemas facultam a apreensão dos

⁵ Braz Teixeira, António, *A Experiência Reflexiva, Estudos sobre o Pensamento Luso-Brasileiro*, Sintra, Editora Zéfiro, 2009, pp. 43/55.

temas e seus inúmeros desdobramentos. Pelas análises e comparações, o historiador busca encontrar os pontos em que as idéias se tangenciam e se distanciam ou divergem. Nesse empenho ele revela uma capacidade ímpar para encontrar afinidades insuspeitadas.

Assim, entre os temas que lhe são mais caros destaca-se, além do estudo da Saudade, a preferência pelo tema de Deus, tema este reconhecido por ele como central na meditação portuguesa.

Ao fazer o levantamento do tema na meditação brasileira, entretanto, o historiador reconhece que este não tenha ocupado o lugar de destaque que sempre teve em Portugal. Ainda assim, foi possível distinguir e analisar em vários pensadores a forma pela qual a idéia de Deus foi abordada e o que estes filósofos brasileiros contribuíram para o desenvolvimento da temática.

Por exemplo, ele percebe as afinidades existentes entre o espiritualismo dos filósofos brasileiros Domingos Gonçalves de Magalhães, cuja obra é de meados século XIX e o pensamento de Farias Brito já do início do século XX. Braz Teixeira aponta as afinidades e discrepâncias entre o espiritualismo de ambos os brasileiros com o espiritualismo dos filósofos portugueses do século XIX, Amorim Vianna, Cunha Seixas, Antero de Quental, cujos pensamentos teriam encontrado um contraponto na reflexão de Sampaio Bruno nos primórdios do século XX.

O historiador das idéias analisa as características originais e absolutamente peculiares a cada um dos filósofos com penetrante acuidade e empatia e aponta para a óbvia afinidade entre o pensamento de Farias Brito, brasileiro e o pensamento dos filósofos portugueses Sampaio Bruno e Leonardo Coimbra cujas obras parecem representar um diálogo natural entre os autores, tudo se passando como se tal diálogo tivesse de fato acontecido.

Um diálogo vem de fato acontecendo entre pensadores brasileiros e portugueses desde meados do século XX. Nas últimas décadas, um número significativo de pensadores de um lado e do outro do Atlântico vem colaborando na pesquisa para aprofundar o conhecimento recíproco e desenvolver o que se pode hoje nomear de filosofia luso-brasileira.

Neste sentido, Braz Teixeira vem publicando sistematicamente não somente os resultados de suas próprias pesquisas sobre os diferentes temas e autores, mas vem também colaborando generosamente para a divulgação do trabalho de todos os que participaram e participam desta empreitada.

Como Diretor da Imprensa Nacional e Casa da Moeda, Braz Teixeira publicou inúmeros títulos de filosofia de portugueses e brasileiros contemporâneos. Além disso, no extenso trabalho de editor, foi responsável por um vasto projeto de reedições de obras de filosofia e de história do pensamento português e brasileiro, obras que se encontravam esgotadas ou de difícil acesso.

Ao longo de suas pesquisas, tal qual um mineiro ou um garimpeiro, Braz Teixeira vem escavando em busca das afinidades entre pensadores de um lado e do outro do Atlântico. *Razão Atlântica* é o título da extensa coleção organizada por ele e seus colaboradores do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira.

A propósito da 'Razão Atlântica', em 2001 o filósofo publicou no Brasil um livro cujo título significativo é *Formas e Percursos da Razão Atlântica: Estudos de Filosofia Luso-Brasileira*. Nesse livro ele aborda três tópicos principais, a saber, o tema da Metafísica e do Sagrado, o tema da Metafísica e da Saudade e o tema do Direito, da Verdade e da Justiça, todos temas de sua especial predileção.

Na seção intitulada Metafísica e Sagrado, encontram-se os estudos acerca do pensamento dos filósofos metafísicos do tempo de Camões, nomeadamente Leão Hebreu e sua obra *Diálogos de Amor*, cuja metafísica consiste numa teoria do amor, numa teodicéia e numa estética de valor neo-platônico. No capítulo está também o estudo da metafísica de Pedro da Fonseca cuja obra, juntamente com a de Leonardo Coimbra, representa na avaliação de Braz Teixeira, um dos cumes da filosofia portuguesa. Na obra também se encontra um estudo sobre a profecia e a escatologia do Pr. Antonio Vieira. Contudo, mais importantes são os estudos dos filósofos portugueses e brasileiros contemporâneos do século XX.

A análise da evolução do pensamento de Vicente Ferreira da Silva, por exemplo, aborda a culminância alcançada pelo pensador na superação da sua antropologia e na afirmação do Ser como fundamento último dos mitos assim como o retorno ao politeísmo dos deuses. Para o filósofo paulista, a História humana faz parte da História divina. O homem não possui independência ontológica nem possui poderes próprios. Na compreensão das épocas históricas, a revelação cristã propiciou o trânsito para a fase humana da história, fase esta que hoje estaria a ser superada. Braz Teixeira considera que no pensamento de Vicente o ponto de partida para uma completa e adequada compreensão da história não seria o tempo humano mas o tempo do reconhecimento da existência dos poderes meta-humanos de figuras míticas.

Ao fazer a análise da experiência religiosa de Miguel Reale, Braz Teixeira constata que Reale parte do reconhecimento de que o sentimento religioso tem sua origem na idéia da morte, na experiência da fragilidade do homem perante a idéia do seu desaparecimento físico. Esta idéia é que leva Reale a fazer um apelo à crença num destino transcendente para a sua existência.

Tal qual apontado por Braz Teixeira, na sua consideração de que a razão deve forçosamente partir originalmente de uma admissão do enigma e do mistério, Reale considera que "*o homem é uma ilha de problemas cercada por um oceano de mistérios*".⁶ Semelhantemente, no pensamento religioso-metafísico de Renato Cirell Czerna, Deus é o começo ou o originário absoluto que instaura a história. Deus não pode deixar de configurar-se como um Deus em devir e neste sentido Ele não pode passar sem o homem, posto que é o homem o lugar ou a instância em que o divino se realiza a si próprio e adquire consciência de si. Czerna é também um dos filósofos que reconhece a insuficiência para o conhecimento da divindade de qualquer racionalismo que não se abra ao irracional de que a própria razão procede.

Um estudo do fundamento da religiosidade no pensamento de Eduardo Soveral revela que, mais do que a admiração ou a curiosidade, para Soveral, na raiz do filosofar encontra-se a verificação de que o mundo se nos contrapõe constituindo-se para nós em problema. O problema essencial do conhecimento não é suscetível de ser solucionado pela dúvida metódica radical cartesiana nem pelo critério último da evidência tal como apregou Descartes ao iniciar a Época Moderna. Este problema carece da *epoché* husserliana como via de acesso ao fenômeno puro. Assim, para Soveral, o problema essencial do conhecimento será saber ou esclarecer se o objeto intencional do conhecimento é imanente ou transcendente ao sujeito que o pensa. Para ele, o *cogito* vem situar-se não mais no domínio existencial mas sim no plano transcendental. Mas, além do problema da consciência de si mesmo, o pensamento leva a dois problemas importantes, o do conhecimento do outro e o do conhecimento do Absoluto; e a noção do Absoluto, no entender do filósofo, envolve a noção de "*uma realidade infinita, anterior e transcendente a todas as determinações, fonte inesgotável de todos os entes*".⁷

A obra acima citada, *Formas e Perspectivas da Razão Atlântica*, publicada no Brasil em 2001, veio a ser amplamente aumentada no livro publicado em 2009 intitulado *A*

⁶ Reale, Miguel, apud Braz Teixeira, *Formas e Percursos*, obra cit. p. 125.

⁷ Soveral, Eduardo, apud Braz Teixeira em obra citada, p. 152.

Experiência Reflexiva, Estudos Sobre o Pensamento Luso-Brasileiro.⁸ Mais recentemente estes estudos foram retomados no livro publicado com o título de *A "Escola de São Paulo"*.⁹

Neste último, Braz Teixeira aprimorou as análises dos pensadores luso-brasileiros da escola denominada por ele de "Escola de São Paulo", escola que se teria aproximado do modelo daquela que Julian Marias denominou de Escola de Madrid.

A "Escola de São Paulo" teria surgido em volta do magistério de Miguel Reale e de Vicente Ferreira da Silva e dela fizeram parte os brasileiros Heraldo Barbuy e Milton Vargas e os portugueses Eudoro de Souza e Agostinho da Silva assim como o checo Vilem Flusser. Participaram da "Escola de São Paulo" também os filósofos da geração seguinte, Luiz Washington Vita, Renato Cirell Czerna, Adolpho Crippa e Gilberto de Mello Kujawski.

Na Introdução, o autor declara que desde há três lustros vinha estudando o que designou por "Escola de São Paulo" e que tal projeto tivera sua gênese no contato com alguns pensadores e intelectuais paulistas. Estes, no final dos anos 40 do século passado tiveram a consciência de que os promotores da Semana de Arte Moderna de 1922, apesar de suas inovadoras tentativas de compreensão da realidade cultural histórica e social do Brasil, haviam limitado suas investigações à atividade especulativa exclusivamente estética.

Por outro lado, estes intelectuais haviam percebido que:

*o ensino filosófico ministrado nas universidades do país, amiúde mero eco tardio de correntes ou doutrinas professadas na Europa ou nos Estados Unidos, não se preocupava em estimular a reflexão criadora e autônoma e ignorava ou desvalorizava todo o passado da meditação nacional....*¹⁰

Braz Teixeira continua o relato apresentado na Introdução do livro afirmando que os intelectuais aludidos haviam decidido então inverter a situação de menoridade reflexiva na qual se encontrava o Brasil e em 1949 criaram uma nova instituição cultural, o Instituto Brasileiro de Filosofia, cujo fim era o de "*...promover a reflexão filosófica livre a partir da concreta situação espiritual brasileira e de resgatar a esquecida herança especulativa nacional....*".

⁸ Teixeira, António Braz, *A Experiência Reflexiva, Estudos Sobre o Pensamento Luso-Brasileiro*, Sintra, Editora Zéfiro, 2009.

⁹ Teixeira, António Braz, *A "Escola de São Paulo"*, Lisboa, MIL: Movimento Internacional Lusófono/ DG Edições, Lisboa, 2016.

¹⁰ Braz Teixeira, António, *A "Escola de São Paulo"*, Lisboa, edição cit., pp. 11/12.

No ano seguinte, fora lançada a *Revista Brasileira de Filosofia* como órgão do Instituto tendo Miguel Reale assumido o duplo papel de presidente do Instituto e diretor da Revista, cuja regular publicação trimestral não sofreu qualquer hiato, suspensão ou atraso até o falecimento do diretor.

No livro sobre *A "Escola de São Paulo"*, Braz Teixeira aprofunda suas análises do pensamento dos membros. Os capítulos tem os títulos significativos de: 1) Criticismo histórico-axiológico de Miguel Reale; 2) Vicente Ferreira da Silva: da lógica simbólica à filosofia da mitologia; 3) Milton Vargas: epistemologia e estética; 4) A Filosofia do Senso Comum em Heraldo Barbuy; 5) A Filosofia Paraclética de Agostinho da Silva; 6) A Mitosofia de Eudoro de Souza; 7) O Neo-idealismo de Renato Cirell Czerna; 8) O culturalismo historicista de Luiz Washington Vita; 9) A Ontologia do Sagrado de Adolpho Crippa; 10) O Raciovitalismo de Gilberto de Mello Kujawski; 11) A Ontologia Linguística de Vilem Flusser.

Nestes estudos ele constata que o tema de Deus, tão presente ao longo de todo o percurso do pensamento português, também tem grande relevância no pensamento dos membros dessa escola brasileira.

Ao lançar a público a livro *A "Escola de São Paulo"* Braz Teixeira terá colimado uma de suas mais antigas aspirações. Sem dúvida, em sua incansável atividade ele continuará na faina que se propôs de reforçar as bases da "Razão Atlântica" mesmo havendo já afirmado com otimismo que esta já é reconhecida como realidade. Pois ele escreve:

*"neste último meio século, se registraram assinaláveis e consistentes progressos no caminho de um diálogo especulativo sereno, aberto, compreensivo e fraterno entre aqueles que cumprem a sua vocação filosófica pensando em língua portuguesa e nela encontram as plurais e convergentes vias para o uno do ser e da verdade, que garantem a única autêntica universalidade do filosofar, a que assume a sua radicação no concreto de um tempo, de uma pátria, de uma língua, de uma tradição cultural viva, dinâmica e criadora e nas formas de racionalidade que lhe são próprias."*¹¹

¹¹ Braz Teixeira, *Formas e Percursos da Razão Atlântica*, edição cit., p. 40.